

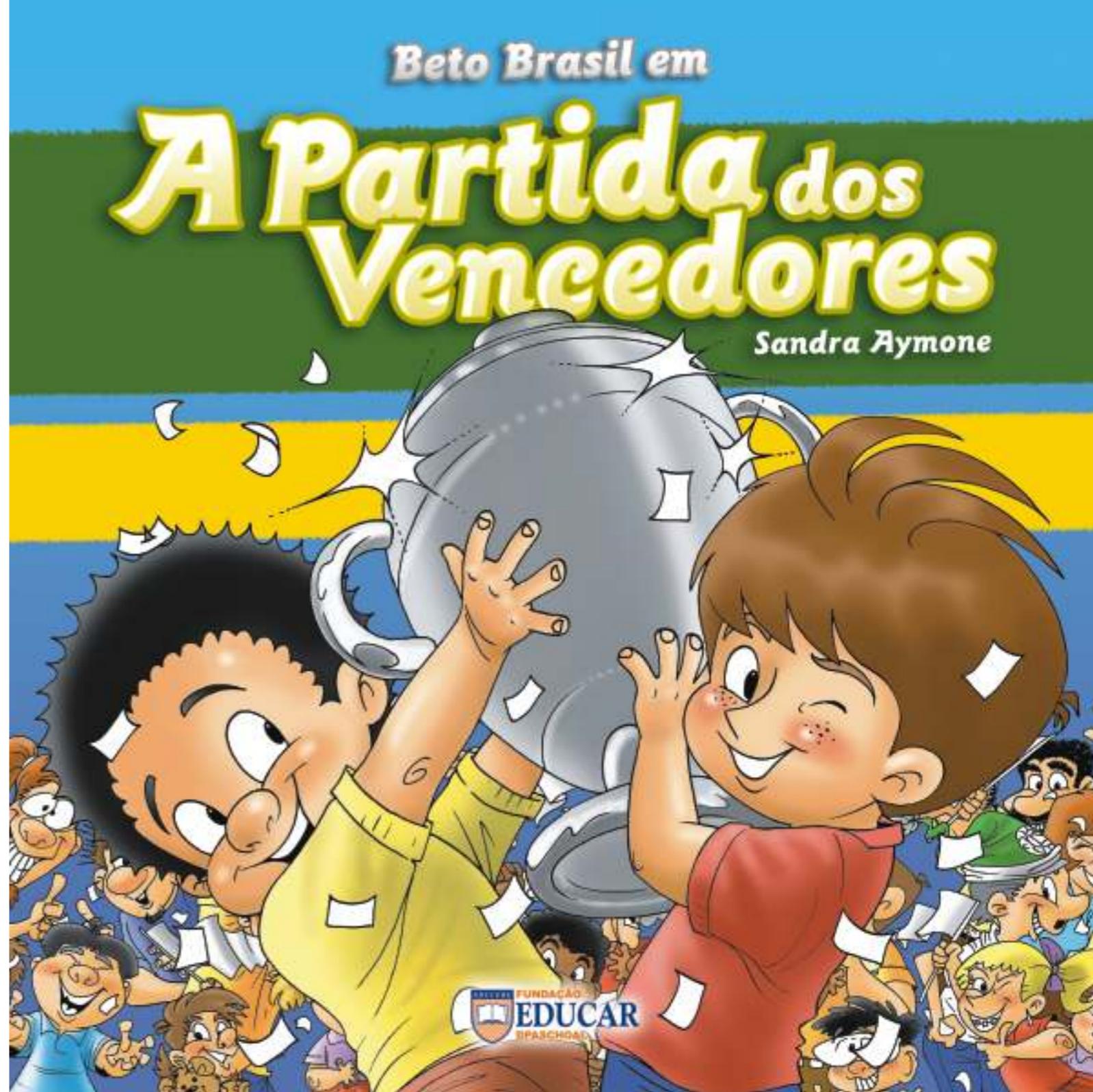


“Praticar esporte é mais do que apenas competir, ganhar ou perder. Praticando esporte, estimulamos nosso desenvolvimento como cidadãos, aprendemos valores para toda a vida e também a importância da disciplina. Aliado à educação, ele demonstra que podemos ser verdadeiros craques não apenas nos campos ou quadras, mas também em nossa escola, família e em nosso trabalho”.

José Roberto Gama de Oliveira (Bebeto)



Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.



A partida dos vencedores

Autora
Sandra Aymone

Coordenação editorial
Sílnia Nunes Martins Prado

Revisão
Katia Rossini

Ilustração
Pierre Trabbold

Diagramação
Linea Creativa

Realização
Fundação EDUCAR DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br
(19) 3728 8129

Todos os livros da Fundação Educar são distribuídos gratuitamente
a escolas públicas, organizações sociais e bibliotecas.

Esta obra foi impressa em Papel Couché Image Mate 210 g/m² (capa) e Papel Couché Image Mate 145 g/m² (miolo),
fabricados pela Ripasa em harmonia com o meio ambiente, na Gráfica Editora Modelo Ltda.,
no ano de 2006, com tiragem de 50.000 exemplares, para esta 1ª edição.

Beto Brasil em A Partida dos Vencedores

Sandra Aymone



Naquela tarde, Beto Brasil e sua irmã Flavinha chegaram ao Lar das Crianças logo depois do almoço. O Lar era uma instituição que cuidava de crianças carentes, e os dois irmãos iam lá quase todas as tardes, para brincar e conversar. Naquele dia, perceberam um movimento diferente...

A Copa do Mundo estava se aproximando e, no Lar das Crianças, o assunto era um só: futebol!

Tia Cecília, uma das voluntárias, tinha organizado um campeonato de futebol entre os times de várias entidades e escolas do bairro. Ela estava ficando quase maluca com o monte de perguntas que as crianças faziam sobre este esporte tão popular...



— Existia futebol no tempo dos imperadores romanos?

— Foram os brasileiros que inventaram o futebol?

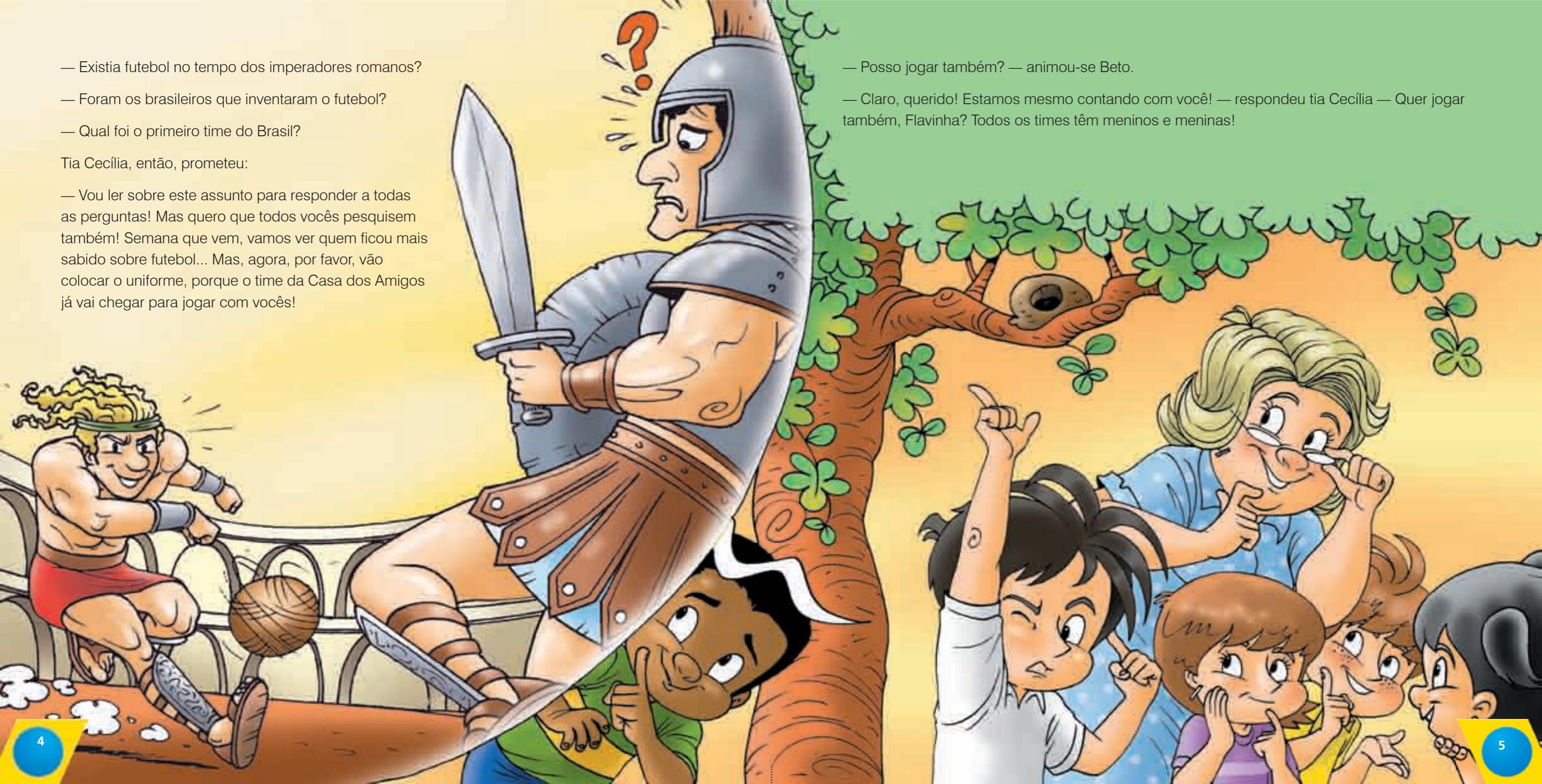
— Qual foi o primeiro time do Brasil?

Tia Cecília, então, prometeu:

— Vou ler sobre este assunto para responder a todas as perguntas! Mas quero que todos vocês pesquisem também! Semana que vem, vamos ver quem ficou mais sabido sobre futebol... Mas, agora, por favor, vão colocar o uniforme, porque o time da Casa dos Amigos já vai chegar para jogar com vocês!

— Posso jogar também? — animou-se Beto.

— Claro, querido! Estamos mesmo contando com você! — respondeu tia Cecília — Quer jogar também, Flavinha? Todos os times têm meninos e meninas!



— Não, tia, eu prefiro ficar na torcida! — disse Flavinha.

Logo o outro time chegou e o jogo começou. Cada torcida ficou de um lado do campinho. Mas enquanto a torcida do Lar das Crianças se preocupava em incentivar seus jogadores, os outros, liderados por um menino chamado Carrapicho, pareciam estar assistindo ao jogo só para vaiar e dizer ofensas...



Flavinha não se conformava:

— Eles xingam até os jogadores do time deles! Os coitados não podem nem dar um passe errado que lá vem gritaria... Este lugar deveria se chamar Casa dos Inimigos!



As outras crianças riram da idéia, mas tia Cecília escutou e disse:

— Por favor, nada de gozação! É verdade que eles estão se comportando muito mal, mas a diretora da Casa é minha amiga, e sei que ela trabalha com crianças difíceis, que têm problemas muito sérios. Depois, vou tentar conversar com ela.

Quase no fim do jogo, o time adversário marcou um pênalti e Pingo foi escalado para cobrar. Ele ficou nervoso. A bola saiu meio de lado e acabou batendo na trave.

A vaia que se seguiu quase deixou surdas as crianças do Lar... Pingo ficou supermagoadado. Ele tinha orgulho de ser muito bom no futebol e nunca tinha sido tratado daquela forma.



O jogo acabou empatado em 4 a 4. Pingo marcou dois gols, Beto fez o terceiro e Aninha, o quarto.

No vestiário, Pingo reclamava:

— Será que eles pensam que é fácil estar no meio do campo e ser responsável pela vitória do time? Uma torcida como esta não serve pra nada! Eles atrapalharam até os jogadores do time deles!

Beto e as outras crianças tentaram acalmá-lo, dizendo que ninguém consegue acertar o tempo todo e, afinal de contas, um jogo de futebol não é a coisa mais importante do mundo!





A semana passou, e outros jogos aconteceram, com vários times. Alguns tinham torcidas tão educadas quanto os meninos do Lar das Crianças, mas também houve situações parecidas com a do primeiro jogo: crianças que se divertiam em ofender os jogadores, mostrando que não tinham o menor espírito esportivo.

Na terça-feira seguinte, tia Cecília pegou um livro, chamou as crianças e sentou-se à sombra da jabuticabeira. Disse:

— Pronto! Podem fazer suas perguntas sobre futebol! E também me ajudem a responder...

Beto levantou a mão:

— Eu já sei que o futebol não foi inventado no Brasil!





— Está certo, Beto. Os povos antigos tinham jogos de bola que podem ter sido os tataravós do futebol. Mas foi na Inglaterra que ele começou a ficar bem parecido com o esporte que conhecemos hoje...

— Quer dizer que os romanos tinham algum jogo como este? — quis saber Renata.

— Sim, tinham um jogo chamado *harpastum*, praticado em um campo retangular, com jogadores de ataque e defesa. O objetivo era divertir e, ao mesmo tempo, manter a boa forma dos soldados. Só que era muito violento...



— Mais de 4 mil anos antes de Cristo — continuou tia Cecília — os japoneses jogavam o *kemari*. A bola era feita com fibras de bambu. Já no *tsu-chu* dos chineses, a bola tinha capim dentro. E na Grécia existiu o *epyskiros*, um jogo em que equipes de quinze atletas chutavam uma bexiga de boi cheia de areia.



— Quer dizer que demorou muito para o futebol ser do jeito que a gente conhece? — perguntou Diego.

— Sim — respondeu tia Cecília, consultando seu livro. — Aqui diz que, em 1313, o futebol foi proibido na Inglaterra e só voltou a ser liberado em 1660. As regras do jogo, como são hoje, foram criadas mais de duzentos anos depois, em 1863.

Flavinha ficou curiosa:

— Por que ele foi proibido?



— Porque o rei que governava a Inglaterra naquele período, Eduardo II, achou que os jovens estavam gostando demais do jogo e se descuidando do arco-e-flecha, um esporte que era muito mais importante para o exército deles.

— Que engraçado! E quando é que os brasileiros começaram a jogar futebol? — perguntou Aninha.



Beto se ofereceu para responder, e tia Cecília concordou. O menino explicou:

— Foi em 1894! Quem trouxe esse esporte pra cá foi um paulista descendente de ingleses e escoceses. Ele passou dez anos estudando na Inglaterra e jogava futebol lá, no time da faculdade. Aliás, era o principal artilheiro do time! Quando voltou pro Brasil, trouxe duas bolas de couro e um livro de regras. O nome dele era Charles Miller!



— Certíssimo, Beto! — aprovou tia Cecília. — E, logo, várias empresas começaram a montar seus times de futebol. A primeira partida disputada no Brasil foi entre a Ferrovia São Paulo Railway e a Companhia de Gás. Daí, foi um pulo para surgirem os times oficiais. O primeiro de todos foi o São Paulo Athletic Club, fundado em 1888.

— E qual é o time mais antigo do mundo? — quis saber Pingo.

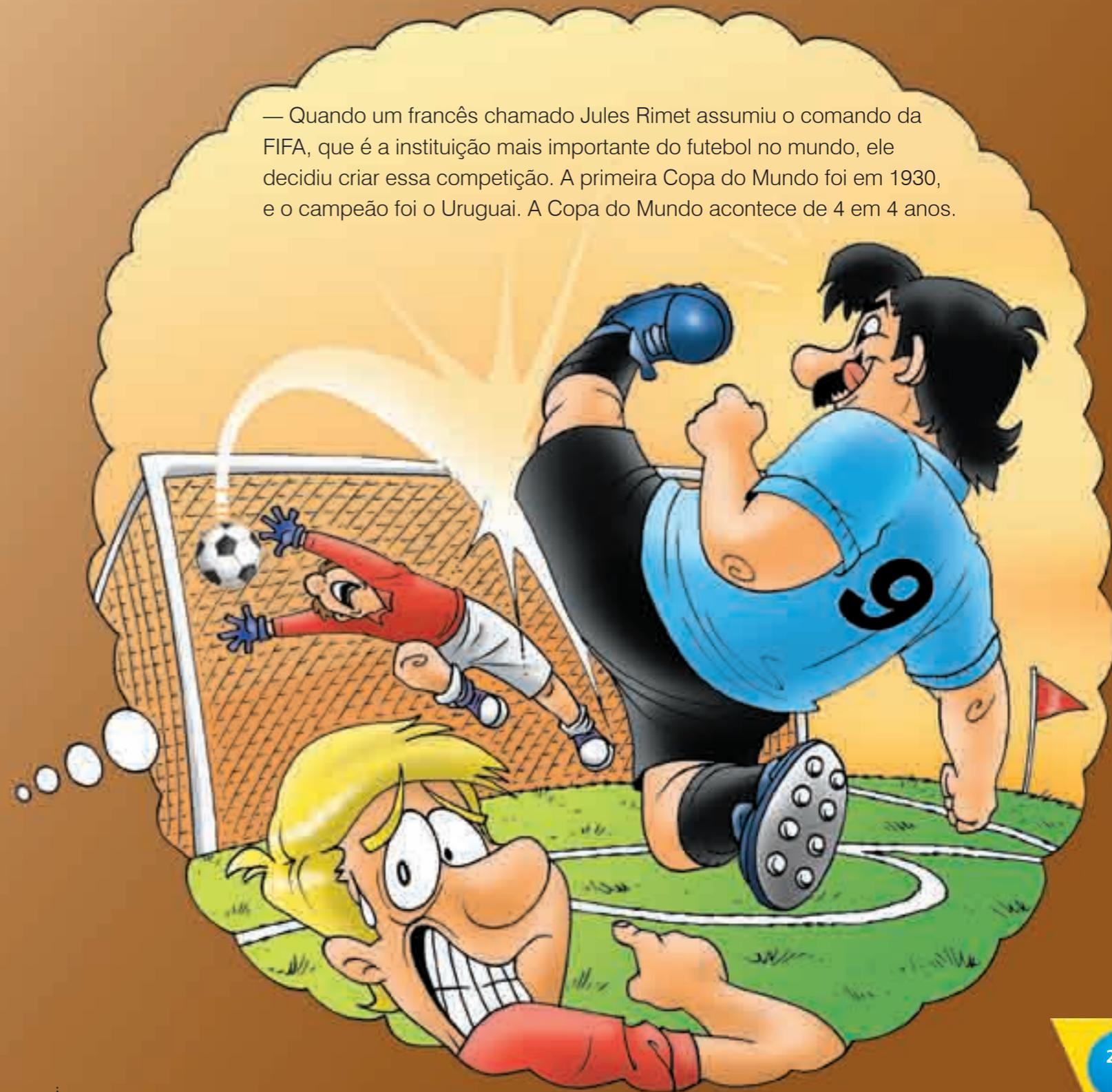
— É o Notts County da Inglaterra, fundado em 1862.

— Agora conte a história da Copa do Mundo! — propôs Renata.

Tia Cecília contou o que sabia:



— Quando um francês chamado Jules Rimet assumiu o comando da FIFA, que é a instituição mais importante do futebol no mundo, ele decidiu criar essa competição. A primeira Copa do Mundo foi em 1930, e o campeão foi o Uruguai. A Copa do Mundo acontece de 4 em 4 anos.



— A primeira vez que o Brasil foi campeão foi na Copa de 1958 — disse Renata.

— Depois foi em 1962. Bicampeão! — empolgou-se Beto.

— Depois, 1970! — continuou tia Cecília.

— Tricampeão! — gritaram as crianças em coro.

— Depois, 1994!

— Tetracampeão!!

— E em 2002?

— Pentacampeão!!!

— E se ganhar a próxima?

— HEXACAMPEÃO!!!



— Bem — disse tia Cecília —, vamos aproveitar essa empolgação e treinar para a próxima partida! Lembrem que vai ser a final do campeonato e está marcada para depois de amanhã!

As crianças correram para buscar a bola.

A final ia ser disputada entre o Lar das Crianças e... a Casa dos Amigos! O time do Lar estava preocupado, porque já conhecia o comportamento da torcida do time adversário. Se eles começassem a xingar muito, era capaz até de sair briga! E ninguém queria isso...

Tia Cecília tranquilizou o time:

— Não se preocupem! Não dêem ouvidos a ofensas, concentrem-se no jogo. Fiquei sabendo que o Carrapicho não estará na torcida. Desta vez, ele estará em campo, jogando. Sem ele para dar mau exemplo, talvez a torcida se comporte melhor.

Pingo teve um pensamento ruim: “Vai jogar? Beleza! Vou poder descontar o que ele me fez da outra vez!”.



Durante o jogo, Pingo e Carrapicho dividiram várias vezes a bola. Carrapicho jogava bem, mas abusava das faltas, tentando derrubar Pingo. No entanto seu Jorge, o juiz, não perdoava e chegou a dar um cartão amarelo para Carrapicho, que achou melhor manear um pouco...

Como tia Cecília tinha previsto, a torcida da Casa dos Amigos estava bem menos agressiva, tratando de incentivar seus jogadores e vaiando só de vez em quando.



No segundo tempo, o placar já marcava 2 a 2. Pingo recebeu a bola de Beto e partiu para o ataque. Conseguiu driblar um zagueiro, o segundo, e ia chegando perto do gol quando... Carrapicho o alcançou e conseguiu tomar posse da bola! Mas, ao fazer isso, tropeçou e caiu, torcendo o pé.

O jogo parou. A torcida ficou em silêncio.



Quando os jogadores voltaram ao campo, as duas torcidas começaram a bater palmas sem parar. Eles não estavam aplaudindo o jogo, mas a atitude de solidariedade que tinham acabado de ver. Daí para frente, não houve mais faltas propositas nem vaias. O jogo terminou empatado.



Ao ver a expressão de dor de Carrapicho, Pingo pensou que ia ficar contente, mas não conseguiu. Quando percebeu que ele não conseguia se levantar, seu espírito de companheirismo foi mais forte, e correu para ajudá-lo.

Os outros jogadores do Lar das Crianças também foram ver se Carrapicho precisava de ajuda. O menino foi carregado para fora de campo. Pingo ajudou a tirar sua chuteira, Flavinha fez uma massagem em seu tornozelo, Beto trouxe água. Logo o menino se recuperou.

Felizmente não tinha sido nada grave, e o jogo pôde continuar.

Tia Cecília sugeriu que disputassem o título nos pênaltis. Mas Carrapicho se adiantou e fez uma coisa que ninguém esperava. Disse:

— Acho que o empate provou que os dois times são bons, nenhum é melhor do que o outro... Então, eu tive uma idéia... Acho que deve levar a taça o time que, além de jogar bem, soube se comportar melhor em campo e, pra completar, teve a torcida mais bacana...

Dizendo isso, pegou a taça das mãos da tia Cecília e entregou a Beto, o capitão do time do Lar das Crianças.

Mas Beto também quis falar:

— Eu achei muito legal isso que o Carrapicho disse, mas não concordo: a taça é dos dois times. Tudo bem que, no início, o pessoal da Casa dos Amigos não tenha agido muito certo. Mas nós vimos que isso mudou, e, agora, ninguém é melhor do que ninguém... Todos nós somos iguais! Todos nós somos vencedores!



As palmas foram tantas que pareciam não parar mais!

Daquele dia em diante, os times do Lar das Crianças e da Casa dos Amigos jogaram muitas vezes um contra o outro. E nunca deixaram de ser amigos, sem se importar com vitórias ou derrotas.

